



DIFERENÇA, AMBIVALÊNCIA E TEMPO PARADOXAL NA SOCIEDADE DE CONSUMO

José Isaías Venera¹

Resumo: Neste ensaio, desenvolve-se a noção de ambivalência como central para os Estudos Culturais. Parte-se da modernidade e do projeto de eliminar as ambiguidades para evidenciar, justamente, a “proliferação subalterna da diferença” (HALL, 2003, p. 60) como constituidora do próprio curso da cultura e da linguagem. Articula-se, neste processo, a sociedade de consumo no sentido desenvolvido por Bauman (2008), tendo como plano subjetivo, o movimento contínuo do desejo de desejar. O que conduz este ensaio desde o início, é a diferença intrínseca na ambivalência e no hibridismo cultural. Por fim, a diferença não em relação ao outro, mas um processo diferencial.

Palavras-chave: Diferença. Ambivalência. Hibridismo. Sociedade de consumo.

O real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Guimarães Rosa, Grande Sertão: veredas

A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.

Martin Heidegger

AMBIVALÊNCIA E PUREZA

O paradoxo da ambiguidade – e porque não da linguagem fissurada na multiplicidade de sentidos – parece ser o motor das reflexões interdisciplinares dos Estudos Culturais. Coloca sob rasura as fronteiras conceituais para abrir espaço aos incorporais, aos sentidos que escapam às classificações, às nomeações, aos enquadramentos dos saberes que funcionam como campo de força para organizar e disciplinar a sociedade.

Na modernidade, a incontinência dos sentidos era uma mancha que assombrava a subjetividade – ponto de encontro com a emergência da biopolítica em Michel Foucault (2008), de quando os estados modernos, surgidos no final do século XVIII, tinham como exercício central da biopolítica a gestão calculada da população que, juntando-se aos dispositivos disciplinares, o poder era exercido a fim de operar sobre os corpos e as mentes.

Por isso, o sonho da pureza, como nos lembra Bauman ao citar o psicólogo Alemão Klaus Dörner, “era uma solução estética; era uma tarefa de preparar um texto, era o dedo do artista eliminando uma mancha; ela simplesmente aniquilava o que era considerado não-harmonioso” (1998, p 13). Tema caro também a Walter Benjamin (1994), que se debruçou sobre análise crítica dos ideais de pureza a serviço de uma estetização da política pelo fascismo. Exemplo máximo é a campanha pública contra a arte moderna com a ascensão de Hitler, em 1933, culminando na exposição “Arte degenerada”, em Munique, em 1937.

¹ Doutorando em Ciências da Linguagem pela Unisul. Professor das universidades Univali e Univille.



Mas, se no campo das artes, a estetização da política representaria o oposto das vanguardas estéticas das duas primeiras décadas do século XX, Bauman percebe um traço que se destaca em meio às contradições da modernidade, que é “a ampliação do volume e do alcance da mobilidade, e, por conseguinte, de forma inevitável, o enfraquecimento da influência da localidade e das redes locais de interação” (2008, p. 45).

Em âmbito internacional, a observação vai ao encontro da tese de Hardt e Negri, de que o “declínio do Estado-nação é, num sentido profundo, a plena realização da relação entre o Estado e o capital” (HARDT; NEGRI, 2004, p. 256). Ambos seguem as pistas identificadas por Marx, a de que o capital caminha para sua realização universal.

No centro desse debate, cuja origem é o estado moderno clássico que empreendia esforços para o estabelecimento da ordem, o fortalecimento do capital nas relações sociais representaria a própria contradição em relação aos ideais de pureza.

A DIFERENÇA INTRÍNSECA NA AMBIVALÊNCIA

Esse espaço aberto pela multiplicidade de sentidos desterritorializa todas as formas de representações. Inverte os estudos sobre cultura que partem de questões como “o que é isso?”², colocando na ordem do dia o que está fora, o inclassificável, ou, no mínimo, que não se permite fixar numa ou noutra representação. Esse deslizamento como expressão da multiplicidade de sentidos é a condição da ambivalência.

Em Bauman, “a ambiguidade que importa, a ambivalência produtora de sentido, o alicerce genuíno sobre o qual se assenta a utilidade cognitiva de se conceber o hábitat humano como o ‘mundo da cultura’, é entre ‘criatividade’ e ‘regulação normativa’” (BAUMAN, 2008, p. 18).

Entre “criatividade” e “regulação normativa”, devir e ser, desterritorialização e reterritorialização o sentido desliza numa cadeia de significantes. A ambivalência é compreendida como espaço aberto na linguagem por onde os sentidos proliferam. Não foi por acaso que Bauman (2008) cita primeiro a criatividade à regulação normativa, como se a própria vida, ou cultura, não se subordinasse a uma estrutura determinante, mas fosse constituída de um processo intrínseco ao paradoxo (o novo e o sobredeterminado, ou, em termos deleuzianos, a diferença na repetição).

A ambivalência não é o movimento da dicotomia (já que pressupõe uma multiplicidade de sentidos), mas “reflete a ambiguidade da ideia de construção da ordem, esse ponto focal de toda a existência moderna” (BAUMAN, 2008, p. 18). O sujeito fragmentado que emerge dessa contradição, ou melhor, da ambivalência, passa a ser o foco deste ensaio, sobre o qual ele sente vertigem, alterando as coordenadas idealizadas (projeto da modernidade).

Neste sentido, a literatura de Kundera, com destaque para *A insustentável leveza do ser*, pode ser interpretada como uma transmutação desse paradoxo em que a

² Alfredo da Veiga-Neto e Maria Lúcia Castagna WortmanN abordam as impossibilidades de se responder perguntas do tipo “que é isso?” a partir dos Estudos Culturais. Ver: WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001, p. 27).



ambivalência é sentida como vertigem, como “a voz do vazio debaixo de nós, que nos atrai e nos envolve, é o desejo da queda do qual nós defendemos aterrorizados” (KUNDERA, 2009, p.61).

Ora, não foi contra a ambiguidade, a incerteza, a contradição, o inapreensível que se ergueu o projeto de pureza da modernidade? Contra a potência do que ainda não foi apreendido pelos territórios conceituais que o sujeito dos saberes da modernidade se defende aterrorizado, ao passo que o desejo o lança sempre à queda, já que não há objeto que possa obturar a falta e, assim, demarcar os limites de uma relação.

Por outro lado, a experiência carrega consigo a ambivalência – o paradoxo da incompletude. É um “tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo” (BERMAN, 1996, p. 15). Na aventura dialética da modernização e do modernismo, em seu *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*, Berman constrói uma cartografia da modernidade marcada pela ambiguidade. Pelo paradoxo de um tempo moderno “que nos despeja a todos num turbilhão de desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” (1996, 14).

O TEMPO PARADOXAL NA SOCIEDADE DE CONSUMO ³

Parte-se da ideia que a ambiguidade é inerente à linguagem e à cultura, neste sentido, ela não pode ser uma exclusividade do nosso tempo. O trabalho de Berman é dedicado à experiência da modernidade, pelo qual percebemos que as experiências, sobretudo dos séculos XIX e parte do XX, são marcadas por ambiguidades. Certo de que o termo em Berman aparece muito mais como motor de um método dialético, ao passo que neste ensaio o que está em questão não são as contradições, mas sim a multiplicidade de sentidos, motor da ambivalência.

Os anos 60 do século passado parecem sintomáticos na forma como um conjunto de autores vão perceber as mudanças na sociedade. Entre eles, Michel Foucault com *As palavras e as coisas*, de 1966; mesmo ano da publicação de *Escritos*, de Jacques Lacan. Um ano depois, em 1967, Guy Debord publica *A sociedade do espetáculo*. A análise da modernidade como uma “sociedade do espetáculo” vai ao encontro do esclarecimento como mistificação das massas – desenvolvido por Adorno e Horkheimer (1985) como “indústria cultural” e que dá nome ao ensaio publicado pela primeira vez em 1947.

A centralidade da transformação da cultura em mercadoria passaria a ter mais intensidade. Quando Debord observa “o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social” (1997, p. 42), é que podemos, então, entender o desfecho da tese 17, de que “somente naquilo que ela [a realidade] não é, lhe é permitido parecer” (1997, p. 42).

³ A relação do tempo paradoxal elaborado a partir de Bauman(2008) com o conceito de Império em Hardt e Negri e com a queda do grande Outro em Lacan foi desenvolvido no artigo: O Consumo no Império: Novas Formas de Habitar Depois do Declínio do Estado-Nação e da Crença no Outro. Ver: http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_cinco/GT05_VENERA.pdf



Essa dualidade entre ser e aparência abre caminho para um paradoxo que se inicia com um dos símbolos da modernidade: o tempo controlado pela máquina – o relógio. O tempo que controla a produção e a força de trabalho e a mercadoria que satisfaz parcialmente o consumidor. Bauman é preciso:

Com a produção de bens que garantam o conforto e o respeito podem de fato ser as principais motivações dos desejos e anseios da sociedade de produtores, um tipo de sociedade comprometida com a causa da segurança estável e da estabilidade segura, que baseia seus padrões de produção a longo prazo e comportamentos individuais criados para seguir essas motivações (BAUMAN, 2008, p. 42).

Mas é no domínio da técnica, na produção de bens e do capital simbólico mobilizando desejos que um certo ritmo dá plasticidade às formas de habitar na modernidade. Ritmo que se acelera na pós-modernidade, ou modernidade tardia. O desejo não mais ancorado na crença de satisfação no ter (numa certa duração de tempo que o sujeito se satisfaria com a mercadoria), mas no próprio movimento do desejo de desejar, que encontra seu equivalente no gesto incessante de consumir.

Para Bauman, a sociedade de consumo se diferencia da sociedade de produtores na medida em que o “consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não-satisfação de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles)” (2008, p. 60).

O que caracteriza uma sociedade de consumidores não é o fato de realizar a compra de mercadorias, mas sim o movimento compulsivo de consumir e a busca constante do novo, quase como se estivéssemos à deriva e puxássemos a âncora antes mesmo que ela chagasse ao fundo do mar (numa versão psicanalítica, não haveria fundo, apenas um vazio que se expressa enquanto falta). É o que Bauman chama de “eterno recomeço”.

Essa noção já aparecia com Debord: “a fase atual [anos 60], em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual todo ‘ter’ efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última” (DEBORD, 1997, p. 18).

Extrair o prestígio imediato não estaria relacionado ao grau zero do tempo? O aqui e agora. O que equivale ao que Bauman identifica como o motor do consumismo – a “perpétua não satisfação” – já que ela só pode ser parcialmente satisfeita neste instante, neste gesto que caracteriza o próprio consumismo.

Diante da ideia de que a sociedade de consumo tem como movimento central o gesto de consumir, o que no plano subjetivo seria o desejo de desejar, o sujeito contemporâneo passa a ser marcada pelo desejo contínuo da queda, como se estivesse sempre numa travessia separado do ponto de origem e afastado de um território por vir.



“A AGONIA DAS COLEÇÕES”

Em *Cultura híbridas* (1997), Canclini destaca o inclassificável na cultura das coleções. O autor persegue o movimento de campos de saberes que criam nomenclaturas, rótulos para estancar o que parece fluir pelas pontas dos dedos, como a “fórmula cultura urbana para tratar de conter as forças dispares da modernidade” (1997, p. 284). Se na modernidade há gestos de conter a fúria da ambiguidade, da diferença, do inapreensível como gerador da multiplicidade de sentidos, Canclini, na esteira dos Estudos Culturais, dá ênfase para a “hibridização, a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros” (1997, p. 284).

Além da “agonia das coleções” a que Canclini se refere – podemos pensar nas artes e nos subconjuntos que se desdobram sempre como um gesto de conter a diferença, como na arte renascentista, barroca, moderna etc. – Canclini exalta o incontável na cultura. Na hibridização, nem o erudito, nem o popular e muito menos a cultura média – de massa. O movimento tem o mesmo ritmo da ambiguidade, que não se deixar reduzir num único significado – ou território conceitual – fazendo com que a linguagem deixe de representar um fenômeno para funcionar como ponte. “A ponte reúne enquanto passagem que atravessa” (HEIDEGGER apud BHABHA, p. 1998, p.24).

Essa é a dificuldade de se apreender a noção de hibridização – que não se refere a mistura como apagamento das diferenças, mas sim a cultura/linguagens como ponte por onde a diferença se reúne em movimento, na travessia. Talvez devêssemos acrescentar, também, diferença que se cria, como se em toda repetição estivesse intrínseco a diferença em si, o que impossibilitaria pensar em genuíno, ou idêntico.

Por certo, Canclini faz um movimento *desconstrucionista* ao trabalhar com os movimentos de *descolecionamento* e *desterritorialização*. Entre os exemplos: “Caetano Veloso e Chico Buarque, que se apropriam ao mesmo tempo da experimentação dos poetas concretos, das tradições afro-brasileiras e da experimentação musical pós-weberniana (1997, p. 304). Ou, ainda, o que poderíamos dizer do grupo de rap Racionais MC’s e sua militância política? O hibridismo, seja em Caetano, Chico ou Mano Brown, não está propriamente na mistura, mas na música como ponte onde a diferença se reúne. Porque não interpretar a canção em movimento sempre como um novo acontecimento? O acontecimento é a travessia. Não surpreenderia um “bacana da cidade” parar seu carro importado num lugar badalado e com seu potente som tocando “Diário de um detento”, dos Racionais. Assim, a diferença não seria intrínseca somente ao processo de criação da música, mas também, ou, sobretudo, na relação, no consumo por onde os sentidos se multiplicam.

DIFERENÇA RELACIONAL

Na contradição da modernidade tardia em que somos levados a uma nova experiência que rompe o tempo e o espaço geográfico, dando um ar de comum a tudo, “existe a proliferação subalterna da diferença” (HALL, 2003, p. 60). Em *A questão multicultural* (2003), Hall parece tocar no mesmo ponto de Bauman, em que a diferença



não é operada entre identidades opostas, ou de coleções diferentes (CANCLINI, 1997), mas sim, de uma diferença constitutiva do movimento, da linguagem em curso com seu jogo de diferenciação. “O significado aqui não possui origem nem destino final, não pode ser fixado, está sempre *em processo* e ‘posicionado’ ao lado ao lado de um espectro” (HALL, 2003, p. 61).

Operando o que Derrida denomina de *différance*, Hall discorre que o valor político da partilha da cultura, ou do sensível (para usar um termo caro à Rancière (2009)), não se dá de forma essencializada, “apenas determinado em termos relacionais” (HALL, 2003, p. 61).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O valor relacional de uma partilha da cultura traz para evidencia o debate do localismo, no sentido de que práticas culturais – ou para usar um termo em voga, o consumo –, mesmo globalizadas, dependeriam das condições dadas pelas discorvidades locais.

A radicalidade da noção de que o significado é sempre relacional está em Laclau (2011), por meio do *significante vazio*, ao qual Hall faz referência. *Significante vazio* é um significante sem significado. Na obra *Emancipação e diferença*, Laclau aborda o multiculturalismo e levanta uma questão importante para o desfecho deste ensaio: “é possível uma pura cultura da diferença, um puro particularismo que descarte inteiramente qualquer tipo de princípio universal” (2011, p. 82).

Laclau está convicto desta impossibilidade. O que está em questão são sempre como os sentidos da cultura são partilhados. Inevitavelmente, voltamos a tese da diferença relacional, em que o sentido é construído nas formas de partilhar a cultura, pelo qual haverá sempre a “proliferação subalterna da diferença”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

CANCLINI, Nestor Garça. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Ed. USP, 1997.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.



- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACLAU, Ernesto. *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2011.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. *Estudos Culturais da Ciência & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2012.

Abstract: *This essay develops the notion of ambivalence as a central idea to Cultural Studies. The proposal is to reflect on modernity and its project to eliminate ambiguities in a way to make evident the "subaltern proliferation of difference" (HALL, 2003, p. 60) as constitutive of culture and language. In this process, this work articulates the consumer society, in Bauman (2008) sense, as a continuous movement of desire the desire. From the beginning, what conducts this essay is the difference in the ambivalence and cultural hybridism. The difference not in relation with the other, but as a differential process.*

Keywords: *Difference. Ambivalence. Hybridism. Consumer society.*